

JORNAL DE BRASÍLIA Educação para a paz

Lydia Nunes R. de Mello

* 6 AGO 1989

Num mundo desequilibrado e caótico, faz-se cada vez mais necessário denunciarmos o que provocou tudo isso e anunciarmos possíveis soluções. Essa anunciação, no entanto, não pode restringir-se a um mero discurso bem articulado, pois já não mais temos tempo para tanta teoria.

Minha experiência me leva a constatar o quanto é importante aprofundarmos a questão da educação. O tema é bastante amplo, mas irei deter-me apenas na educação pré-escolar por estar inteiramente dedicada a um trabalho com esse objetivo.

É consenso que, até os sete anos de idade, a formação da personalidade atinge seu ápice. Nossa função é ajudar a criança a autoconstruir-se nesse período oportuno. Necessitamos, para isso, nos conscientizarmos de que todos nós somos educadores (primeiramente de nós mesmos) e de que não ensinamos nada a ninguém. Quando damos algo pronto a uma criança estamos podando sua capacidade inventiva, inquieta, de busca.

As famílias, na grande maioria, deixam os filhos na escola para que essa cumpra o papel de educador e parecem não perceber que, dessa forma, nada será modificado (será que realmente existe o desejo de modificar?). Para que algo novo, vibrante e verdadeiro ocorra, ambas necessitam caminhar juntas, mas os pais esquivam-se bastante desse processo, sempre têm coisas mais importantes a fazer.

Se visitarmos algumas escolas, quer sejam públicas ou particulares, iremos constatar o quanto des-

respeitada é a criança. Ela entra na sala e encontra uma "tia" que lhe diz, durante todo o tempo: "Não se mexa! Não fale! Não brinque! Não viva!".

Os pais cobram um desempenho da criança e a escola sente-se na posição de mostrar resultados. Tive oportunidade de ver alguns cadernos de crianças entre dois e quatro anos, onde fica absolutamente evidente que a "tia", quando não faz o que "sugere", pelo menos segura a mão da criança levemente. Em um de nossos grupos, uma criança de cinco anos disse: "Não gosto de ajuda dos adultos, porque eles dizem que vão ajudar e acabam fazendo tudo por mim".

É imprescindível, ao falarmos de educação, denunciar o abuso de poder exercido por pais e educadores. Os adultos, de modo geral, sempre têm certeza de saber o que é melhor para criança e, por isso, tomam atitudes intolerantes e arbitrárias. Raramente ocupam-se em saber o que a criança sente, porque expressa seu sentimento daquela forma.

É também evidente o quanto o mental das crianças é sobrecarregado (cada minuto, em frente à TV, representa uma overdose de informações). A maioria das escolas contribui para isso quando passa muitas informações sem possibilitar a vivência, a experimentação. Muitas professoras têm queixas sobre crianças sem concentração. É necessário perceber que não criou a concentração em relação a seu próprio corpo. Exemplo: fazer o percurso da "amarelinha" alternando seu equilíbrio entre um e dois pés.

A meu ver, só deveriam trabalhar em escolas pessoas que ainda não perderam o brilho do olhar. O amor (ou a falta dele) é o alicerce de tudo. A experiência que eu vivencio é uma proposta de educação integral para pais, professores e crianças até seis anos, onde exercitamos a alquimia de convivemos com pessoas de diferentes classes sociais (geralmente a escola tradicional atende, separadamente, pobres, ricos ou classe média) retomando o contato com a terra, grande mãe, e reaprendendo que tudo é uma só coisa. A criança pode realizar a tarefa da verdadeira autoconstrução porque ela ainda não é dividida.

A maioria das pessoas vê o mundo e a elas mesmas de maneira fragmentada. Achem que a natureza é algo exterior a si mesma e caso aconteça algum dano a qualquer manifestação da vida, contanto que não seja no seu círculo mais próximo, não lhes afetará. Pura ilusão. Tudo está interligado.

O trabalho que ora realizo apresenta apenas uma fagulha de luz a sinalizar esse caminho. A transformação não precisa ser pretenhiosa, já que ele pode ocorrer num âmbito mais restrito, na relação consigo mesma, com as crianças, pais e professores. Vivenciando esse processo com harmonia e interesse, as crianças poderão aflorar seu verdadeiro ser e, quem sabe, ajudar-nos a redescobrir o que existe de mágico, verdadeiro, inquieto e belo em todos nós.

□ Lydia Nunes Rebouças de Mello é coordenadora da Casa do Sol na Fundação Cidade da Paz